

Raspa do tacho

JOSÉ CARLOS PORTUGAL

De onde menos se espera, daí mesmo é que não sai nada.

Valha-nos a sabedoria popular, nesta hora em que "liquidificaram" a inabilidade com a hipocrisia, misturaram uma porção de demagogia e teimam em servir o caldo à opinião pública, como xarope que vai curar os males da Educação do nosso país. É um remédio muito amargo e que vem provocando convulsões, efeitos colaterais, muitas dores de cabeça e pode levar o paciente à morte, por anemia ou negligência, se não for mudado, com urgência, todo o receituário.

Reza o manual que, em todo sistema de gerenciamento, a melhoria de um processo se dá consertando o que não funciona, ou funciona mal, e otimizando aquilo que anda bem. É incompreensível que, exatamente na Educação, esteja ocorrendo o inverso do elementar: cerceamento e depreciação das escolas particulares, enquanto do outro lado da moeda se esconde o foco da discussão principal que é a vergonhosa situação em que se encontra o ensino público estatal.

Se a meta do administrador privilegia a redução do espaço da livre iniciativa, que o faça com clareza e competência, provendo um colégio de qualidade, onde as famílias, que não podem pagar o ensino privado, possam colocar seus filhos, sem constrangimentos. Basta essa providência para retirar das manchetes a balbúrdia generalizada em que o segmento vive e cujo des-

gaste crescente é o pior desserviço que, neste momento, se presta à rala Educação do País e favorece, unicamente, aos áulicos e oportunistas de plantão.

Se o propósito do administrador é acabar com a escola particular, basta continuar incentivando a perversa campanha que joga as famílias contra a direção dos colégios e esperar que a Lei 8.039 ou a "livre negociação" ou a Sunab, se encarreguem de fechar as instituições que, ainda, resistirem.

Das ações governamentais, o que não fica claro é o motivo de tanta intransigência, ingerência e autoritarismo. O desconhecimento do setor é fato por demais simplório para justificar esses atos. Na outra ponta, a análise do comportamento do ser político remete à utilização do discurso irado como forma de galgar projeção nacional e subir no íbipe ministerial. Ocorre, nas duas hipóteses, que a manipulação do sentimento coletivo da sociedade está causando um dano significativo à relação entre as instituições e seus usuários.

Que escola será dada a essa exigente clientela, pelo Estado, após a falência do sistema privado de ensino? Nenhuma, é a resposta.

A base em que se sustenta essa ação absurda nasce da supremacia, momentânea, do dado aparente sobre o fato real. A razão absoluta — decorrente da verdade despida de emoções ou interpretações pessoais — cede, por vezes, lugar à razão arbitrária — fruto da lógica de interes-

ses ou emoções dirigidas —, e a "doce mentira" passa a ditar o comportamento coletivo, na busca da promessa do ganho fácil, mesmo que para isso seja necessário atropelar valores, coerência, respeito e dignidade. A história do homem está repleta de exemplos de como uma sociedade pode ser envolvida pela dialética do resultado ardiloso e despertar do sonho acorrentada a uma realidade despótica.

A Educação no Brasil necessita ser a "nata do pote" e como tal precisa ser palco de uma revolução de eficiência e coragem, na busca de soluções de curto prazo que acelere os mecanismos de oportunidade, aprendizado e qualificação das nossas crianças, no lugar de servir de cenário para que atores despreparados confundam as falas e errem na marcação. Num País de tantos recursos, é melancólico ver que o setor não tem, além do congelamento da mensalidade escolar, uma única proposta educacional concreta que contribua para retirar o País da servidão internacional, por total falta de capacitação dos seus recursos humanos.

Enquanto na Educação o pensamento dominante estiver atrelado ao ranço ideológico, vaidades pessoais, interesses políticos, vantagens eleitorais e demais mesquinhas, o sistema estará muito mais para "raspa do tacho" do que para "nata do pote", que o diga o processo de escolha e condução do titular da pasta.